
Os males e os maus: desvãos de textos sobre a emigração italiana para o Brasil

*Núncia Santoro de Constantino**

Resumo: Tratou-se de analisar três livros de jornalistas italianos, publicados entre 1889 e 1897, que alcançaram repercussão e que até o presente são utilizados como fontes históricas. Os autores: Lomonaco, Macola e Moriconi, são citados e caracterizados pela violenta crítica ao Brasil. Da análise textual qualitativa emergem várias categorias habituais, que exprimem sentido manifesto, como a pobreza dos imigrantes e as condições insalubres do País. Mas emergem também duas categorias referentes à cidade do Rio de Janeiro e aos usos e costumes dos brasileiros, fundamentadas no cientificismo, com ênfase no racismo e no etnocentrismo, a reforçar uma posição radicalmente contrária à emigração para o Brasil. As inferências revelam sentido latente sugerindo que, além de partilharem códigos de pensamento do período, há características específicas dos autores que, de certo modo, justificam o radicalismo dos seus pontos de vista.

Palavras-chave: emigração italiana, imigração italiana no Brasil, narradores italianos, jornalistas italianos, cidade brasileira, cientificismo, eurocentrismo, racismo.

Abstract: Three books published between 1889 and 1897 written by Italian journalists were analyzed. Such books have had repercussions, and they have ever since been used as historical sources. The authors: Macola and Moriconi are quoted and characterized by the violent criticism towards Brazil. From the qualitative textual analysis arise several habitual categories expressing manifested meaning such as immigrants' poverty and the unhealthy conditions of the country. However, two other categories also arise related to the city of Rio de Janeiro and the uses and habits of the Brazilian people based on scientism with emphasis on both racism and ethnocentrism in order to radically reinforce the opposed position to emigration to Brazil. Inferences have revealed that the latent meaning suggesting that in addition to sharing thought codes from that period – there are also specific features belonging to the authors that, somehow, justify the radicalism of their viewpoints.

Key words: Italian emigration, Italian immigration in Brazil, Italian narrators, Italian journalists, Brazilian city/town, scientism, eurocentrism.

* Doutora em História Social. Docente e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em História na PUCRS. *E-mail:* nunziata@puers.br

Introdução

No amplo debate que acompanhou a emigração italiana em massa, nas duas últimas décadas do século XIX, a palavra impressa de jornalistas, ou *publicistas*, italianos alcança razoável repercussão contrária ao Brasil. Seus textos enfatizam os males que então afligiam o País, assim como más características dos seus habitantes. Dentre estes textos, são bem conhecidos e utilizados como fontes históricas aqueles de Alfonso Lomonaco, Ferruccio Macola e Ubaldo Moriconi, que publicaram livros, respectivamente, em 1889, 1894 e 1897. Assim, da análise do conteúdo do *corpus documental* constituído pelas três publicações, surpreende a emergência de duas categorias: – características da cidade do Rio de Janeiro; – usos e costumes dos brasileiros. Dessas categorias tratarei no presente artigo, visando a produzir inferências, lendo em duas dimensões: no sentido manifesto ou ao pé da letra; como leitura soterrada, buscando o sentido latente.

A cidade e o “encanto”

A cidade do Rio de Janeiro é o cartão postal do Brasil, e a beleza da baía de Guanabara, porta de ingresso ao País, foram admiradas, recontadas, exaustivamente elogiadas. Edmondo de Amicis tratou de descrevê-la, através de páginas que alcançaram milhões de leitores na Itália e nos países onde havia imigrantes italianos. Não foi o primeiro e não seria o último viajante italiano a revelar-se extasiado diante da baía, mas foi referência entre patrícios, emocionados pela sua poética descrição em *Sull'oceano*, livro lançado em 1886, tratando da travessia realizada pelo navio que denominou *Galileo*, transportando 1.600 emigrantes para a América do Sul. (DE AMICIS, 1889). O autor inspirou-se em viagem realizada sete anos antes, quando fora convidado para uma temporada de três meses na Argentina. Naquele país proferiu várias conferências, sendo prestigiado pela enorme coletividade italiana que lá vivia e participou de outros tantos eventos oficiais. Ao retornar, o navio *Sirio* fez escala no Rio de Janeiro, onde ficou apenas três dias. (CATTARULLA, 1992, p. 442).

Bem mais tarde, ao publicar *Memorie*, repetiu a descrição da baía de Guanabara:

O barco chispava rapidíssimo sobre as águas claras e a baía maravilhosa do Rio de Janeiro desenvolvia-se à frente: aqueles altos picos com formas de montanhas lunares, aqueles montes povoados por reis e rainhas da flora, aqueles bosques desgrenhados, aquelas rochas aéreas, aquelas enseadas com guirlandas de jardins, aquelas ilhas coroadas de palmeiras, todo aquele anfiteatro imenso, desordenado, estranho, tão grande que a fantasia se perde, tão belo que desperta tristeza. Parece que se chega rápido demais ao navio, cuja chaminé fumega, e apenas alcançando o parapeito, entre outros mil passageiros, fica-se a olhar a baía, “arco triunfal da América”, que permanece na mente do viajante como uma visão do paraíso. [...] O sol desaparecia, o céu era todo rosado, a baía rosada, as grandes rochas cônicas pareciam de coral, sobre o horizonte do oceano se alongava em faixa de nuvens purpúreas. (DE AMICIS, 1900, p. 334-335).

Fixava a imagem do encanto, muitos anos antes descrita em discutível estilo por Ernesto Rossi, ao lembrar quando chegou ao Rio de Janeiro com sua companhia teatral, para uma longa temporada. Era a madrugada de 4 de maio de 1871, e o ator pareceu extasiado diante da beleza da costa brasileira. Lamentou não ter suficiente talento literário, mas mesmo assim exercitou a pena tentando descrever:

Altas montanhas de granito, cor de porcelana, sobre as quais o sol do oriente dardejava os primeiros raios dourados, parecendo tições de fogo; e pouco mais abaixo aqueles reflexos solares rompendo a névoa à base das montanhas, compondo uma cor violeta vaporosa, leve, refletindo sobre o mar. (ROSSI, 1889, p. 35).

Outros viajantes como Palma de Cesnola, Graffagni, Sandri ou Serra também dispenderam esforço literário e obtiveram diferentes resultados, buscando traduzir a paisagem que tanto impressionava.

Santini (1886, p. 28-30) chega a ver na baía o paraíso terrestre, acrescentando que qualquer descrição estaria aquém da realidade. À vista dos montes, transportara-se em pensamento à gesta do *Guarani*, de Carlos Gomes, diante do Pão de Açúcar inacessível, calando a pico o mar.

Lomonaco (1889, p. 6) também rende-se à beleza do panorama, acreditando que somente a pena de De Amicis ou aquela de Zola poderiam ser suficientemente hábeis para descrever a baía.

Muitos viajantes italianos utilizam a metáfora do encanto para descrever essa baía. É um lugar privilegiado, capaz de proporcionar maravilhoso espetáculo. É baía encantada que atrai os forasteiros, cercada de montes encantadores. Encantador é o que encanta, que exerce um fascínio por vezes enganador.

Bem mais explícito é o Conde Ferruccio Macola:

Disseram e é verdade que a chegada no Rio de Janeiro é o espetáculo mais belo do mundo; poetas celebraram a baía encantada, mas ninguém pode reproduzir a visão do paraíso que representa a embocadura da baía do Rio. [...] Acontece que, às vezes, no baile de máscaras, descobre-se embaixo do belo corpete de talhe elegante, do pequeno e bem calçado pé, dos macios cabelos e dos olhos negros, entre outras coisas, um rosto envelhecido e uma careta como sorriso.

E conclui, afirmando que a mesma sensação de desgosto impõe-se ao estrangeiro quando coloca o pé na terra firme do Rio de Janeiro. (MACOLA, 1884, p. 226-229).

Assim, deixando a beleza para trás, Macola descobre o Rio, que não considera uma grande cidade nos moldes europeus. Não tem ruas nem praças, nem palácios ou monumentos que possam compará-la às capitais do Velho Mundo. É apenas um extenso *paese*, com milhares de casas pequenas e escuras na parte velha da cidade. Dentre as cidades europeias só poderia ser comparada à Constantinopla, levando até alguma vantagem. Macola transparece vaidade ao afirmar que, mesmo nesse Rio feio e velho, os europeus conseguiram criar uma cidade “idílica” fora do centro; trata-se de uma cidade fracionada e escondida, mas elegante, que se estende nos subúrbios de Botafogo e da Tijuca, com suas vilas e jardins.

Quanto à rua do Ouvidor, exerceria a função do *Corso*, em Roma, da *via Toledo*, em Nápoles, da *Piazza San Marco*, em Veneza, ou da *Galleria*, em Milão, ainda que o calçamento fosse horrível e que as construções também fossem horríveis.

Extremamente ácidas são as observações de Lomonaco. Começa dizendo das más condições das ruas do centro, das casas velhas, sem jardins. Afirma que lá é o lugar “onde se sente mais calor no mundo, [...] uma cidade ‘pestilencial’, sem circulação de ar, pois circundada de morros; com construções inadequadas ao clima: casas emendadas umas às outras, em ruas estreitíssimas”.

Admirou-se do grande número de estabelecimentos comerciais, lojas em sua maioria muito sujas, exibindo objetos disparatados. Lomonaco (1889, p. 9-53) acentua que tais lojas “ferem a vista do estrangeiro”, pelo contraste de mercadorias que oferecem e pela diferença do tipo desses estabelecimentos, numa mesma região da cidade. A uma bela tabacaria, oferecendo produtos finos, segue um açougue com quartos de boi e linguiças “como rosários pendentes, cobertas de impurezas, exalando cheiro adocicado e nauseabundo”. Logo depois enfileiram-se uma loja de tecidos, uma loja de comestíveis e licores, em que pendem réstias de cebola e de alho como troféus, onde há caixas de batata logo na entrada, sacos de farinha de milho e peixe fresco vertendo gotas no pavimento. Mais adiante está um negócio que vende roupas, exibindo roupas íntimas esvoaçantes, ao lado de um mercadinho que oferece frutas em cestos pelo chão. Seguindo adiante, há uma barbearia e uma suja tasca, exalando cheiro de fritura com toucinho rançoso; por último está o estabelecimento de um carvoeiro. De um carvoeiro! Esclarece que essa disposição repete-se em toda a cidade, com exceção da Rua do Ouvidor e da Rua dos Ourives que seriam as duas únicas artérias civilizadas.

Ubaldo Moriconi, descrevendo o Rio de Janeiro, é ainda mais impiedoso no livro que publicou em 1897, cujo título é sugestivo: *Nel paese de “macacchi”*. A par do costumeiro elogio às belezas naturais, dá seqüência às observações depreciativas. O Rio de Janeiro não passava de uma imensa praça comercial; no centro transitavam longas filas de veículos carregados de mercadorias que, com freqüência, afundavam no calçamento esburacado. Moriconi observa, no centro, uma atividade febril, desenvolvida em “clima homicida”, com temperatura que alcançava 40 graus à sombra. (MORICONI, 1897, p. 44-45).

A Rua do Ouvidor seria considerada pelos brasileiros, pretensiosamente, como o parisiense *Boulevard des Italiens* ou como a *Galleria*, em Nápoles. Escreve: “É necessária toda a boa vontade e a indulgência de um estrangeiro para elevar aquele beco à denominação de rua. Trata-se de uma passagem mesquinha [...] sem calçada, sem árvores [...]” Reconhece a elegância das *vitruines*, debocha de casas

comerciais com nomes franceses, que certamente gostariam de ter “ares” de estabelecimentos europeus. Sempre referindo-se à rua, escreve que, por volta das três horas da tarde, é uma espécie de forno, atulhado de gente, sendo a circulação impossível.

Garante que a vida cultural do Rio é uma seqüência interminável de espetáculos quase diários, em meia dúzia de teatros abertos durante todo o ano, nos quais “[...] os artistas nacionais exibem mágicas, horríveis vaudevilles, revistas e qualquer opereta sem enredo e sem espírito”, aproveitando “[...] descaradamente” a música dos compositores mais famosos. Criticando a qualidade dos artistas brasileiros, diz que “[...] destoam no vestir e na voz, abusam nos gestos e nos motes pornográficos [...]”. Quanto às mulheres no palco, são ex-coristas ou bailarinas do último “rango” que, nos intervalos das mágicas, cantam, recitam e dançam; algumas francesas foram *cocottes* que abandonaram o *trottoir* parisiense. Admira-se que, assim mesmo, as vedetes sejam capazes de extorquir homens ricos, enquanto verdadeiros artistas passam os dias em jejum e com sapatos rotos, sacrificando a juventude pelos estudos de arte. Lamenta que os verdadeiros artistas sejam mal-sucedidos nos palcos do Rio; lembra o empresário Mancinelli que suicidou-se por dívidas, depois de uma temporada mal-sucedida no Lyrico; lembra Cesare Rossi, que não arrecadou nem para as despesas de iluminação; menciona o prejuízo de Sarah Bernardt na sua última *tourné*. Por fim debocha, afirmando que o Rio de Janeiro, “[...] a denominada primeira praça da América do Sul deseja e aplaude apenas espetáculos de fantoches ou de marionetes”. (MORICONI, 1897, p. 50-52).

Sobre os brasileiros

Muitas páginas são dedicadas por Lomonaco (1889, p. 259-262) aos costumes dos brasileiros, com descrições detalhadas, acentuando pormenores depreciativos.

Lembra que o jogo de loteria é muito difundido no Brasil, e que as lojas destinadas à venda de bilhetes de loteria são em grande número e estreitas a ponto de parecerem celas de penitenciária. Os bilhetes encontram-se bem-impresos, expostos nas *vitrines*, paredes e portas: o vendedor encontra-se imóvel lá dentro, parecendo um faquir; comporta-se de modo bem diferente dos vendedores que se encontram à rua, que importunam oferecendo a mercadoria. Sempre desprestigiando o Brasil, conclui que é um “estranho país onde a instrução é encorajada com

proventos do jogo”. O autor acredita que tal justificativa fosse apenas pretexto, já que o jogo seria verdadeira mania, resultado de uma “febre por dinheiro”, que considerava própria dos brasileiros.

Como “anomalia social”, apontou a “classe dos capoeiras”, constituída por conhecidos e violentos perturbadores da ordem pública, capazes de ferir e até de matar por prazer; vingando os ódios particulares por dinheiro, vivendo impunes, protegidos pela polícia, a quem eventualmente prestavam serviço.

Outra anomalia social dos brasileiros pareceu ser a paixão pela música. Mesmo nas residências mais modestas, havia sempre um piano, pois o estudo da música distraía as mulheres que estavam sempre em casa, sem ter o que fazer. O pior é que apreciava-se qualquer música, visto que havia a incapacidade generalizada de apreciar corretamente.

Qualquer companhia lírica que se apresentasse no Rio ou em São Paulo, diz ele, despertava um entusiasmo exagerado. Admira-se que, em certa ocasião, um palco foi invadido pelos espectadores para abraçar o tenor Francesco Tamagno. Lomonaco arremata o assunto afirmando que qualquer brasileiro era capaz de discorrer sobre o último cantor que aplaudira no teatro e que, de qualquer maneira, trataria de colocar “[...] no meio da conversa”, o compositor Carlos Gomes, “[...] com suas óperas, a quem todos louvam exageradamente, satisfazendo assim a vaidade nacional”.

Quanto aos hábitos alimentares, mais cáusticas parecem ser suas observações, pois seriam “primitivos”, incapazes de atender às exigências mínimas da civilidade. Afirma ter náuseas assistindo à refeição de um brasileiro: todas as comidas colocadas no mesmo prato, misturadas, sob o argumento de que tudo se mistura no estômago, ignorando questões de paladar. Ademais, essa refeição era tristemente assistida por um negrinho com o abanico, para espantar moscas e amenizar o calor. Chega a concluir que, no Brasil, “[...] as manifestações da vida são mesquinhas e limitadas [...]”, em decorrência do regime alimentar excessivamente frugal e indigesto. Comenta que só o “estômago de um croata ou de um lapão poderia tolerar impunemente” [...] a feijoada e o virado, mistura de feijão preto, cebola e banha de porco, servido em todas as refeições e da mesma forma. Lembrando banquetes dos quais participou, menciona o hábito brasileiro de proferir discursos “idiotas”, que acabavam com o bom humor e dificultavam a digestão.

Condena, sobretudo, a alimentação dos brasileiros por ser rica em carboidratos e gorduras, pouco nutritiva, resultado da preguiça gerada

pela fartura no País. Lamenta que o pão fosse raro, somente encontrado nas cidades; no interior era substituído por biscoitos e por bolos de farinha de mandioca. Não entende por que faltavam frutas à mesa, depois das refeições, quando havia fartura de bananas, abacaxis, abacates, mangas ou goiabas, todas consideradas muito saborosas. Reclama do vinho consumido no País, seja aquele fabricado no Brasil, “[...] artificial e horrível”, seja aquele importado que, no Brasil, recebia um “batismo”. E reclama, ainda, que “[...] na terra do café, não se pode tomar um bom café”, ao contrário do que acontecia na Itália, consideravelmente distante dos cafezais.

As mulheres não receberam qualquer consideração de Lomonaco (1889, p. 264-273). Destaca que são freqüentemente desdentadas, acrescentando que poucas pessoas no País têm dentaduras sãs. Explica serem as cáries muito difundidas, porque os brasileiros abusam de doces e de frutas em calda. Comenta costumes femininos que considera ridículos. Assim, senhoras e senhoritas exibiriam elaboradas cabeleiras, divididas em minúsculas trancinhas entremeadas de flores, parecendo “[...] bacantes ou ninfas saindo dos bosques”. Considera a sombrinha ou o guarda-chuva como infalíveis complementos aos trajes masculinos e femininos, porque serviam para proteger do sol ou da chuva que, desgraçadamente, alternavam-se em continuidade. Critica o tamanho exagerado dos pés dos brasileiros e acredita que sejam tão grandes, porque as crianças, inclusive aquelas das famílias ricas, andavam sempre descalças, até mesmo na rua.

Costumes familiares, em geral, constituíram alvo de virulentas críticas. Comenta o “relaxamento” nas relações sexuais e a convivência doméstica entre filhos “[...] legítimos e ilegítimos, por vezes de cor”. Acrescenta que os filhos fazem o que querem, sem obstáculos por parte dos pais; que os estudos não são valorizados e que, mesmo nas famílias pobres, não há preocupação com o aprendizado de um ofício.

Para os brasileiros, segundo Lomonaco, faltam entretenimentos. Os homens passam a maior parte do tempo em casa e no ócio, fumando muito, atraídos “[...] pela posição horizontal”. Seus passatempos consistem em ler jornais e em receber visitas. Os jornais informam sobre mínimos incidentes, quando não divulgam toda espécie de maledicências. As visitas são trocadas com excessiva freqüência, batendo palmas às portas quando chegam porque não há campainhas. A conversação inteligente pareceu-lhe inexistente; e ridículos pareceram-lhe os bailes “com grotescas

imitações de danças francesas”. “Triste, monótona e indolente” seria a vida das mulheres brasileiras, que muito cedo casavam e logo envelheciam.

Dentre tantas e tão deploráveis observações, Lomonaco ainda afirma que os brasileiros moravam mal, em casas construídas a partir de um único modelo trazido pelos portugueses. Eram seus interiores muito simples, mobiliados com o indispensável, e nenhuma importância mereciam os dormitórios, com redes ou, quando muito, com camas desconfortáveis; lamenta a ausência de adornos; especialmente de quadros nas paredes.

Buscando explicar o título depreciativo do seu livro, Moriconi diz que, se os italianos são chamados *carcamanos*, os brasileiros não podem ficar ofendidos por serem chamados *macacos*. Diz mais: que há um grande número e uma variedade de símios no Brasil, como há símios e papagaios no Paraguai, país que considera uma “terra de valentes”. Acrescenta que uma designação depende das impressões que recebe o observador. Não teria coragem de chamar “terra de papagaios” ao Paraguai, “país desafortunado que, por cinco anos, sustentou heroicamente a agressão de três poderosas nações, conseguindo várias vitórias”. (MORICONI, 1897, p. 6-8).

Moriconi (1897, p. 188-190) também considera inerte “[...] a mulher legítima brasileira”, além de qualificá-la “[...] resignada, ociosa, apática, inconstante e superficial”. Não era como a mulher italiana, “[...] guardiã inteligente e vigilante” da família. Odiosamente controlada pelo marido, contentar-se-ia com a indolência, sem alargar horizontes, reduzida à uma força perdida, sem energia, privada de apoio e de educação para o cumprimento de deveres como mulher, mãe e eficiente dona de casa. Geralmente, o homem não dava importância a inteligência ou à capacidade de trabalho feminina; mais importante seria obedecer à vontade da família, considerando o valor de um dote. Bastaria que a moça executasse algumas músicas ao piano e que conhecesse um pouco do idioma francês, para que o pretendente não se preocupasse em saber se a prometida era “capaz de remendar camisas e orientar uma cozinheira”.

Retornando à Rua do Ouvidor, Moriconi registra o que considera maus costumes dos brasileiros. Em plena rua, ouve-se a discussão em voz alta de homens encasacados de preto, que gesticulam. Jovens elegantes, muitas vezes enluados que, de vez em quando, “[...] escrafunham o nariz com o dedo [...] sem preocupação com os passantes”. Lembra que, mais adiante, defronte às confeitarias Pascoal e Castelões, um grupo estará a lembrar o pequeno escândalo do dia, o discurso de um deputado no

Congresso ou o serão musical do Teatro Lyrico. Ainda mais adiante, no Café de Londres, comentar-se-á o jogo carteadado do Club Riachuelo. Na porta do *Diário de Notícias*, a discussão gira em torno da última comédia de Arthur de Azevedo ou de algum “[...] artigo anêmico”, de Valentim Magalhães. Ainda sobraria tempo para passar a limpo as aventuras picantes das “horizontais” do Hôtel Daury, sempre cobertas de brilhantes. No grupo estacionado à porta do jornal, numa “caterva de boêmios e gênios incompreendidos”, entre outros encontram-se Olavo Bilac e Osório Duque Estrada. (MORICONI, 1897, p. 46-47).

Quanto aos cariocas, em geral, afirma serem indolentes, apáticos, ainda que demonstrem afabilidade, facilidade de comunicação. Em qualquer lugar há sorrisos, saudações cordiais e abraços afetuosos, trocados como se as pessoas não se encontrassem há muito tempo. (MORICONI, 1897, p. 47-48). Em suma, o natural do Rio, para Moriconi, manifesta alegria sem razão, ri sem motivo.

Jornalista, detém-se nos comentários sobre a imprensa brasileira. Acredita que, em nenhum país do mundo, a imprensa seja tão violenta como no Brasil, onde possui ilimitada e irresponsável liberdade. Também considera o País campeão de títulos pomposos, distribuídos em abundância, com inumeráveis doutores, comendadores, barões e condes.

Impiedosamente, Moriconi segue discorrendo sobre música, pintura, escultura e arquitetura dos brasileiros, para concluir que há somente um par de pintores, um escultor, dois maestros e um pianista que merecem ser chamados artistas.

Sobre o caráter do homem brasileiro viu-se que sua opinião não é lisonjeira. Esse mau caráter seria explicável pelo ambiente viciado, clima insalubre, imundície das casas, corrupção de hábitos, má-educação e indisciplina. Por tudo isso e ainda sendo anêmico, o brasileiro é extraordinariamente nervoso, passando rapidamente da calma à excitação. Ama os longos discursos: nos teatros, nos banquetes, na escola, no cemitério, na igreja. Nos teatros, quando há espetáculo beneficente, ouve-se cerca de uma dúzia de discursos. Na sessão de despedida de Sarah Bernhardt, em 1893, foram ouvidos dezoito oradores no intervalo entre os dois atos de *Fedra*. As proporções do entusiasmo pelos artistas chegam a ser ridículas, assim como as manifestações de desaprovação. Quando os artistas agradam, os assistentes atiram no palco flores, chapéus, doces, luvas e até as casacas.

Ao mesmo tempo, afirma que a apatia dos nacionais não é comparável nem mesmo com o fatalismo dos muçulmanos. Para ele, a

inteligência é um dom natural dos brasileiros, mas infelizmente serve como poderoso impulso à indolência. Além do mais, não há povo mais resignado: morre alguém muito querido, e a intensa dor do momento se manifesta em abraços distribuídos aos amigos em torno do caixão do defunto; lágrimas copiosas são versadas durante o discurso que decanta as qualidades do morto; mais abraços aos amigos no retorno do cemitério e, no dia seguinte, enfia-se a roupa de luto e tudo está terminado. (MORICONI, 1897, p. 172-175).

Em poucos países ama-se a família como no Brasil, diz o autor, para, em seguida, completar que, entretanto, em decorrência da escravidão, não era essa família considerada em elevada conta como na Itália. Tampouco essa família possuía limites precisos de disciplina moral, que define como “[...] elemento substancial da sociedade moderna”. Convivendo com escravos, era comum os pais de família reunirem, sob o mesmo teto, a prole legítima e a ilegítima. Sublinha que a escravidão corrompera a noção de dever e de respeito, além de desonrar o trabalho. Lembra que os verdadeiros antepassados dos brasileiros são os portugueses que, por sua vez, não sentem repulsa pelas raças de cor. Entre os luzitanos, numerosos eram os casamentos ou as uniões ilegítimas com mulheres negras. Daí que a promiscuidade de raças é comuníssima no Brasil, observa Moriconi (1897, p. 187-188).

Moriconi (1897, p. 191-194) discorre sobre a ignorância em que eram mantidas as “classes pobres”, sobre o vício da embriaguez nelas disseminado, sobre a insalubridade de suas habitações, inspiradas no “pré-histórico” sistema de construção dos portugueses. Detém-se na questão da dieta alimentar que considera primitiva. O brasileiro, explica, conservava antigos hábitos alimentares portugueses: carnes salgadas, feijão preto e farinha de mandioca em todas as refeições. Escreve: “É preciso ver com que orgulho patriótico as pálidas e esbeltas mocinhas da nobreza devoram a infalível feijoada, uma mistura nojenta [...] que rebelaria até mesmo as galinhas.” Sublinha: “[...] a importância da alimentação no caráter e no destino de um povo”, criticando o abuso de doces que provocam cáries e dentes malconservados. De outra parte, não digerindo bem os alimentos por falta de dentes, um bom sangue deixava de ser produzido e isso influía no caráter dos brasileiros.

Continuando a criticar os brasileiros, aponta outro grande *defeito*: a “mania de fazer tudo além dos próprios meios”. Levariam uma vida de falsidade, cuja manifestação mais comum era a forma de vestir. Os homens usavam enormes botões de brilhantes e com brilhantes enfeitavam a

gravata. Desperdiçavam no jogo de cartas em *clubs*, além de sustentarem uma “companheira alegre em luxo de rainha”. Os brasileiros seriam capazes de beneficiar uma cantora da moda com um cheque descontado ao *Crédit Lyonnaise*, com um *chalet* em Petrópolis, com uma carruagem, enquanto “suas senhoras”, as legítimas, sentavam-se em camarotes reservados para toda a temporada do *Lyrice*, exibindo novas jóias e *toilettes* a cada apresentação. Para melhor esclarecer o assunto, remete à nota de rodapé, onde assinala que o brasileiro tem duas paixões: o jogo e as mulheres.

Assinala o que seria esta “mania do luxo” entre “a gente de baixa condição”, especialmente entre os negros, que apreciariam fazer-se “notar em qualquer circunstância”. No Rio e em todos os outros lugares, cortejos matrimoniais desfilavam aos sábados, com longos acompanhamentos, em luxuosas carruagens. O noivo vestia roupa preta e luvas brancas; a noiva endossava um rico e “cândido” vestido branco, com longo véu e grinalda de flores de laranjeira. Na opinião cruel de Moriconi, essa noiva era um “vulto de carvão”, e as flores raramente representavam “aquilo que deveriam simbolizar”, isto é, a pureza.

Desejando exhibir uma melhor condição através da roupa, seria próprio do caráter dos brasileiros querer aparentar. Isso seria explicável porque se trata de um povo composto de *parvenus* que imita canhestamente tudo o que os outros fazem. Assim, as salas das residências eram enfeitadas com bibelôs e quadros horríveis, quase sempre litografias que custavam o preço de bons quadros a óleo; essas salas, infalivelmente, exibiam um piano que, de costume, era malexecutado pelas mulheres da casa, da manhã à noite. (MORICONI, 1897, p. 194-199).

O autor transfere a crítica para a corrupção que considera endêmica em todos os setores da vida pública, inclusive na magistratura. Também tece comentários sobre as deficiências da instrução e sobre o atraso das Forças Armadas, sempre em tom fortemente depreciativo, para deter-se um pouco mais no assunto que parece melhor conhecer, ou seja, para falar da imprensa. No capítulo correspondente, é capaz de revelar excepcional veia cômica.

Começa lembrando que as seções dos jornais são indicadores seguros do povo que os lê. Tece comentários sobre os periódicos fluminenses, representativos do que considera uma imprensa ultrapassada. Exemplifica com a seção *A Pedidos*, que pensa demonstrar uma complacência sem limites no sentido de satisfazer a vaidade dos cariocas. Cita outras rubricas cotidianas: *Visitas, Aniversários, Hóspedes e Viajantes, Rondas do Dia*.

Em tom de máximo sarcasmo deseja que, se o Senhor Coronel Fulano, negociante de carne seca, ou se o ilustrado Dr. Beltrano estão

mal de saúde, “que se curem por Deus bendito ou que saiam em viagem na santa paz, sem trombetarem aos quatro ventos suas viagens e suas calamidades”. Referindo-se à notícia sobre o “inspirado compositor e preclaro flautista” Antonio Carlos Guimarães, que apresentou na redação do jornal sua última composição intitulada *O beijo fatal*, pergunta: por que não coloca a mesma composição à venda e trata de imaginar qualquer outra coisa que possa romper os tímpanos do próximo, “sem preencher os jornais com suas bobagens?” Sobre notícias de aniversários, debocha dos adjetivos usados: “digno professor”, “formosa e inteligente artista do teatro de variedades”, “viçosa e virtuosa senhora”, “conceituado comendador”, lembrando que os jornais obtêm bons lucros a partir dessas manifestações ridículas. Já a rubrica *Hóspedes e Viajantes* seria publicada para agradar os clientes do interior, enquanto *Rondas do Dia* pretendia contentar os militares que, “pobrezinhos, não teriam outro meio de ver publicados os seus nomes nos jornais”. Quanto às informações sobre quem faz a ronda e quando, serviria para comunicar à Nação que os oficiais, com muito “zelo e heroísmo cumprem pesado serviço” nos seus respectivos quartéis. (MORICONI, 1897, p. 216-226).

Chama a atenção para o que seria uma excessiva liberdade de imprensa, sobretudo na seção *A Pedidos*, que costumava estampar polêmicas “indecorosas”. Por indecorosos entendia os longos textos de autoridades, em defesa dos seus próprios atos; as “elocubrações críticas” de estudantes, capazes de comprovar a incompetência dos seus mestres; os arrazoados de advogados, procurando colocar o público a favor dos seus clientes; as acusações mútuas de médicos que alegavam incompetência de colegas; os ataques contra magistrados por suposta injustiça ou corrupção; textos de atores dramáticos reproduzindo elogios obtidos de algum escritor famoso; cartas abertas de padres que intentavam revelar ao bispo os mal-feitos de algum colega de batina; reclamações de oficiais das Forças Armadas que, surpreendentemente, insultavam os superiores hierárquicos. (MORICONI, 1897, p. 234-236).

Descrevendo um “país de macacos”, também descreve um país de alienados. Lembra que chegou ao Rio poucos dias depois de proclamada a República e que nada de particular se notava no Forte Militar, logo à entrada da baía. “Nada de trágico havia no ambiente [...] poucos dias depois da deportação do velho monarca que muitas culpas possuía [...] mas que representou bem o papel de soberano liberal e democrático.” Menciona seu estupor quando os funcionários da alfândega, subindo a bordo do navio em que chegava, “[...] abraçavam quem viam pela frente,

mesmo sem conhecer, sem nada demonstrar sobre a revolução recém-acontecida”. Seu estupor transformou-se em hilariedade quando desceu à terra e procurou “[...] traços do recente republicanismo nas estreitas e sujas ruas, povoadas de figuras macilentas e amarelas [...]”, sem nada encontrar. (MORICONI, 1897, p. 19-20).

Ainda retornando à Rua do Ouvidor, encontra-se o Conde Macola. Diz que ali há confeitarias que são destino dos que nada têm a fazer, inclusive destino das senhoras fluminenses, que seriam gulosas e que empanturravam-se de doces. Na Ouvidor, acrescenta, fabricam-se e destroem-se reputações, divulgam-se notícias sensacionais. A rua funciona como um clube cosmopolita, que “até” os europeus costumam freqüentar. Nas suas calçadas toda a população desfila, inclusive negros e mulatos “[...] grotescamente vestidos à européia, que passam solenes como divindades budistas”. Desfilam também os jovens brasileiros com sua tez azeitonada, “[...] imitadores pouco felizes da elegância parisiense”. Na rua há alemães louros com luneta de ouro, ingleses rígidos e magros com pressa, marinheiros de todo o mundo, há oficiais fardados que fumam naturalmente, como se a oficiais fardados fosse permitido fumar. E conta sobre as mulheres, que negras, mulatas ou “burguesas”, vestiam “cômicas *toilettes*, carregadas de colares e braceletes”. (MORICONI, 1897, p. 229-233)

Os autores transitam pelo Brasil na década de 1880, às vésperas da abolição e quando a imigração já era fenômeno corrente. A população de imigrantes aumentava: por volta de 1895 já seriam aproximadamente oitenta mil indivíduos no Estado do Rio de Janeiro. Metade desse contingente dedicava-se à agricultura, e a outra metade dedicava-se ao pequeno comércio, à manufatura ou a atividades menos prestigiadas, especialmente na capital federal. Somente na cidade eram cerca de vinte e cinco mil italianos, na maior parte naturais da Calábria, segundo registrara Moriconi (1897, p. 399). Os primeiros tempos da República brasileira revelavam-se ainda mais atraentes para os que desejavam emigrar.

Antes que findasse o século XIX, a coletividade italiana no Rio era numerosa e representativa. Exigia maior atenção da diplomacia italiana que refletia os interesses das elites e variava de acordo com as pressões dos setores econômicos. Foi necessário muito tempo e longas discussões parlamentares, diz Iotti (1996, p. 114), para que a imigração fosse entendida pelo Estado como uma possível solução para os problemas socioeconômicos italianos. Nas novas estratégias inseria-se a valorização e cooptação das lideranças *coloniais*, facilmente identificadas através da

vida associativa e das relações mantidas há longo tempo com os consulados.

Mas é nos imigrantes pobres e maltratados que se detêm os autores em questão. Suas narrativas explicitam a miséria, as epidemias e doenças em geral, os maus-tratos que recebem os italianos por parte dos funcionários brasileiros, as más condições de viagem, de hospedagem e de trabalho no Brasil. São autores reconhecidos pela virulência como atacam a emigração para o Brasil, indo além do debate que se verificava na Itália sobre a imigração em geral.

Debate sobre a emigração

A corrente favorável à emigração na Itália sempre obteve maiores vantagens, a começar pelos armadores genoveses. Contou com personagens importantes que manifestaram nítida preferência por um fluxo direto para a América Latina, em geral, e para o Brasil, em particular.

Entretanto, havia os que se manifestavam contrários, como os grandes proprietários de terras, que temiam a escassez de mão-de-obra e a valorização da mesma no mercado.

A plena liberdade de emigrar, ou de fazer emigrar, foi ratificada pela classe dirigente italiana com a Lei de 1888. Até 1901 seria a única norma a reger a emigração; naquele ano houve a promulgação de outra lei que pretendia regulamentar a atividade dos agentes, criando o Comissariado da Emigração. Tal liberdade continuou vigorando na Itália, enquanto outros países proibiam a emigração subvencionada para o Brasil, com o intuito de proteger seus cidadãos. O governo italiano limitou-se a duas breves suspensões da saída de emigrantes, entre março de 1889 e julho de 1891, em decorrência de epidemia de febre amarela no Brasil; de setembro de 1893 a maio de 1894, em consequência de guerra civil no Rio Grande do Sul. Assim, entre 1887 e 1902, 60% dos imigrantes recebidos no Brasil eram italianos.

Só em 1902 a imigração subsidiada seria proibida pelo chamado Decreto Prinetti, justamente no período em que os Estados Unidos demonstravam poder absorver grandes quotas da mão-de-obra italiana. A partir daí, a emigração para o Brasil sofreria uma sensível queda, com brusca redução nos números, em coincidência com a crise da superprodução de café. Era o período em que a Argentina aumentava

em muito suas quotas, enquanto os Estados Unidos tornavam-se o país que predominava de longe como a “Meca” dos imigrantes.

Uma análise dos momentos mais importantes da emigração para o Brasil é realizada por Angelo Trento. O primeiro pico aconteceu em 1888 e está diretamente correlacionado à abolição da escravatura. Uma queda verificou-se no ano seguinte, determinada pelo Decreto Suspensivo Crispi, em março de 1889. Mesmo vigorando o decreto, a emigração continuava através dos portos franceses ou como reemigração, quando os italianos escapavam maciçamente da crise econômica argentina, no período entre 1890 e 1891. Nesse último ano, ocorreu um segundo pico, relacionado ao fim da vigência do Decreto Crispi, à crise dos anos 90 na Europa e nos Estados Unidos e ao esforço realizado por alguns estados brasileiros no sentido de introduzir imigrantes, quando os serviços de imigração haviam sido transferidos da União para os estados. (TRENTO, 1988, p. 33-37).

É nesse contexto imigratório que se inserem Lomonaco, Macoli e Moriconi. Sublinha-se que aumentava ainda mais rapidamente o número de habitantes no Rio de Janeiro, na primeira década republicana, além de diversificar-se a composição étnica e ocupacional da população. Tratava-se, também, de uma cidade que exigia mão-de-obra e serviços especializados em virtude de aceleradas transformações.

A capital da República vinha recebendo grande número de estrangeiros no período imediatamente anterior à Lei Áurea. Nos anos seguintes, grandes fluxos imigratórios continuaram chegando e disputando o mercado de trabalho. Shalhoub (1986) afirma que a marginalização dos trabalhadores negros ocorreu, em parte, porque os imigrantes ocuparam postos de trabalho nos setores mais dinâmicos.

A realidade da emigração revelava-se complexa, admitindo-se a exclusão e a marginalidade na cidade “cartão-postal do Brasil”, como demonstra Lená de Menezes (1996, p. 424-433), ao afirmar que “o crime e a contravenção marcaram seu espaço de existência”. Acrescenta a autora que, no Rio de Janeiro, em rápido processo de mudanças, “novos personagens urbanos ocupam a cena, definindo o mundo da desordem.

Contudo, a mão-de-obra especializada tornava-se premente diante da transformação urbana que se verificava. O surto de empresas imobiliárias, por exemplo, reforçava a evidência do crescimento acelerado da cidade pelo número de edificações, como registra Diégues Júnior. (1964, p. 198).

Assim, no início do século XX, percebe-se que a situação da “colônia italiana” transformara-se completamente, desde que o *Jornal do Commercio*

noticiara, no dia 4 de setembro de 1843, que, na véspera, aportara a fragata Constituição, trazendo a bordo a filha do rei Ferdinando II, de Nápoles, que deveria transformar-se, pelo casamento, na imperatriz dos brasileiros.

No início da década de 80, segundo Serra (1886, p. 33), a “colônia italiana” já era bastante numerosa e havia muitos agricultores nos arredores da cidade. O Tenente da Marinha lamenta ter visto meninos engraxates italianos procurando trabalho nas ruas do Rio, a exemplo do que presenciara em Recife. A população de imigrantes continuava a aumentar, sendo de, aproximadamente, oitenta mil indivíduos em todo o Estado do Rio de Janeiro, por volta de 1895. Metade desse contingente dedicava-se à agricultura, e a outra metade, ao pequeno comércio, à manufatura ou a atividades menos prestigiadas, especialmente na capital federal. Somente na cidade eram cerca de vinte e cinco mil italianos, na maior parte naturais da Calábria, conforme Moriconi (1897, p. 399). Os primeiros tempos da República brasileira revelavam-se ainda mais atraentes para os que desejavam emigrar. Se ficava registrada a evidência de uma imigração indesejada, de certo modo, consideraram-se as fundamentais diferenças regionais nos processos de imigração, visto que cada província traçava sua política desde 1850, quando os governos provinciais assumiram a colonização.

Maria Theresa Petrone relembra que, além das fazendas de café, a província do Espírito Santo e as três províncias meridionais atraíam imigrantes, em áreas desocupadas consideradas próprias ao estabelecimento de um “campesinato” nos moldes europeus, com pequenos proprietários dedicados à policultura, com vistas à formação de uma classe média, segundo a ideologia modernizadora que inspirava as elites. Para diferentes áreas e com funções distintas, o imigrante foi dirigido, escreve a autora e, nestas áreas, “a experiência do imigrante foi diferente, sucessos e insucessos têm outros fundamentos”. (PETRONE, 1987, p. 102-103). Além disso, nas cidades brasileiras, sucederam-se diferentes conjunturas, com diferentes momentos para a imigração, a exemplo do que ocorreu no Rio.

Tais diferenças não seriam levadas em grande consideração pelos autores italianos analisados, uma vez que seus relatos são decorrentes de precisas motivações; suas lentes têm filtros particulares de observação que influenciam narrativas. Uma análise do conteúdo dessas narrativas revela significados latentes além daqueles manifestos.

Filtros particulares

No prefácio de sua publicação, o Doutor Lomonaco trata de apresentá-la como “resultado de notas, lembranças e impressões de viagem, além de pesquisa histórica e estudos de vários gêneros”, realizados durante a sua permanência no Brasil. Esclarece ter procurado dar aos leitores uma idéia das localidades percorridas, dos usos e costumes, das características mais salientes da sociedade brasileira. Desejou descrever a vida e a civilização do País, à medida que suas “forças limitadas” e a “esfera de suas observações” permitiram. Através do seu texto, pode-se inferir que conseguiu razoáveis conhecimentos do Brasil. É certo que tenha exercido atividades na imprensa pelo seu recorrente interesse por assuntos a ela relacionados. Por outro lado, o título de doutor que está registrado com seu nome na capa da publicação, pode remeter à medicina; à leitura da obra infere-se que Lomonaco tem razoáveis conhecimentos médicos, especialmente no que diz respeito à higiene e nutrição.

Camilla Cattarulla (1992, p. 442) destaca as considerações finais do livro *Al Brasile*, de Lomonaco, quando o autor escreve que recomendar a imigração para o Brasil é desonesto e antipatriótico, pois o governo brasileiro não tem capacidade de organizar tal imigração, e o povo é, em geral, hostil aos estrangeiros. Tendo permanecido no País entre 1885 e 1886, nos últimos anos da escravidão, entendeu que a imigração nada mais seria do que a substituição da mão-de-obra servil.

Quanto à essa imigração, Lomonaco distingue três categorias: a categoria considerada *inferior*, constituída por indivíduos sem ocupação fixa ou qualquer tipo de recurso financeiro, imigrantes que acreditam poder encontrar no Brasil ou na América em geral um *Eldorado*. Explica que, aos últimos, os brasileiros chamam, com escárnio, *carcamanos*, expressão que encerra o que há de mais baixo e degradante, como se fossem seres desprezíveis, como se fossem esfomeados, mendigos.

Segundo o autor, havia no Brasil graves preconceitos contra os italianos, a ponto de serem considerados seres de qualidade inferior. Lomonaco (1889, p. 425-431) afirma que é espetáculo comuníssimo ver seus conterrâneos exercendo os mais humildes e fatigantes ofícios, rejeitados até mesmo por negros e mulatos, vivendo no meio de dificuldades e de privações. Ainda detém-se no problema da falta de união entre os italianos, cuja coletividade é cheia de discórdias e inimizades, especialmente nos grandes centros, onde os componentes da colônia se dividem em várias facções, reagrupados em torno de chefetes. Arremata dizendo que a influência do meio é perniciosa sobre a índole

do imigrante italiano; que muitas coisas deploráveis deixariam de acontecer se o “teatro” dessa imigração não fosse o Brasil.

Do Conde Ferruccio Macola, autor de *L'Europa alla conquista dell'America Latina*, sabe-se que nasceu no Vêneto e que foi jornalista e político. Com 23 anos já era diretor do jornal *Seccolo XIX*, publicado em Genova; depois dirigiu a *Gazzeta de Venezia*, periódico do qual chegou a ser proprietário; publicou vários livros entre 1884 e 1894.¹ Mas, antes disso e já na condição de deputado, viajou para o Brasil em 1883, a fim de estudar as possibilidades que o País oferecia à imigração. Representando a extrema direita na Câmara de Deputados, era considerado um conservador *sui generis*, pois revelava perfil irrequieto, revolucionário. Clericalista, começou sua carreira política como aliado de Crespi; rompeu com o primeiro-ministro porque esse transformou o dia 20 de setembro em dia da festa nacional italiana. Internado em casa de saúde, morreu em 1922.²

Macola quando chega ao Brasil, em 1883, já é deputado. Critica de forma contundente os governos italiano e brasileiro; admite a imigração, mas pretende que seja efetivamente organizada, uma vez que não havia uma política definida para a América do Sul, por parte do governo italiano. Camilla Cattarulla (1992, p. 546) enfatiza, como uma das características de Macola, a ênfase nas acusações ao governo italiano por não ser capaz de organizar essa emigração, desperdiçando chances para uma futura expansão colonial. Sua ruptura com Crespi reforçaria ainda mais a crítica contundente, característica do seu modo polêmico de proceder, que incluiu duelos dos quais resultaram morte.

Ubaldo Moriconi explica, na introdução do seu livro, que, na segunda metade de novembro de 1889, havia viajado a bordo do navio postal Orénoque, de Buenos Aires ao Rio de Janeiro. Cattarulla (1992, p. 556) cita outra obra desse autor, cujo título dá indicações sobre as razões de suas viagens: *Da Genova ai deserti dei mayas*: ricordi di un viaggio commerciale, pois a viagem comercial foi a alternativa encontrada para substituir a fracassada miragem expansionista na África. Assim, estimulava-se o incremento ao consumo, por parte dos imigrantes, uma vez que o movimento comercial italiano no Exterior não correspondia ao aumento dos fluxos emigratórios.

Moriconi permaneceu no Brasil durante alguns anos; menciona seu trabalho como funcionário do Serviço de Imigração no Estado de Minas Gerais; registra também que trabalhou em “jornal de arte”, fundado pelo Dr. Valentim Fernandes, no Rio de Janeiro. (MORICONI,

1897, p. 254-167). A má-impressão que levou consigo ao partir do País, certamente, foi influenciada por situações difíceis que precisou enfrentar. Além de perder, “uma pessoa querida”, durante a epidemia de febre amarela, em 1894, envolveu-se em polêmicas jornalísticas, inclusive com o próprio Dr. Valentim. (MORICONI, 1897, p. 166-169).

Seguindo o gênero polêmico do jornalismo da época, atuou no Brasil em periódicos italianos que representavam diversas facções da coletividade e, através de suas páginas, travou memoráveis batalhas verbais. Houve momentos em que as “lutas” saíram do papel, e não foram poucos os “duelos” entre jornalistas, como lembra Cenni (2003, p. 349-350), citando aquele entre Pasquale de Biasi e Ubaldo Moriconi.

O último autor está interessado sobretudo, em promover a expansão do comércio italiano nas *colônias* do Exterior, buscando a contribuição dos imigrantes no consumo de mercadorias italianas, como comenta Cattarulla. Generalizando sobre as condições negativas do Brasil à imigração, assim como aquelas da Argentina, apresenta outras alternativas para o êxodo dos seus conterrâneos. Recomenda a emigração para os países da América Central, onde poderiam ser abertos novos mercados, ainda inexplorados às atividades industrial, agrícola e comercial. Sugere, ainda, que não fosse estimulada a emigração de agricultores e de operários, mas que emigrassem representantes das camadas médias e até mesmo das altas camadas sociais, para que assim fosse possível criar uma classe comercial e empresarial italiana fora da Itália, capaz de portar riquezas ao país. (CATTARULLA, 1992, p. 555).

Moriconi escreve, portanto, motivado pela busca de lucros que poderiam resultar do consumo de produtos italianos por imigrantes, se não vivessem no Brasil ou na Argentina. No contexto em que entravam enormes contingentes de imigrantes para esses países, não se notava um crescimento correspondente do comércio exterior italiano.

Algumas considerações

A baía de Guanabara sempre foi considerada belíssima, e todos reconheceram a grandiosidade do “arco triunfal da América”, como disse De Amicis. Mesmo Lomonaco, Macola e Moriconi rendem-se ao panorama, mas carregam nas piores cores quando tratam de descrever a cidade “cartão-postal” do Brasil.

As condições insalubres do Rio de Janeiro foram enfatizadas por todos os viajantes que a descreveram no período correspondente às duas últimas décadas do século XIX. Mas, a par desse conteúdo manifesto, que expõe todas as condições de insalubridade, há um conteúdo latente no realce dado a outros aspectos negativos pelos três autores analisados. Além de esboçarem, caprichosamente, uma cidade “pestilenta”, onde o calor abrasa, e a umidade sufoca, comentam a escassez de praças, monumentos, palácios; comentam a inexistência de espaços “civilizados” para as sociabilidades públicas, além de escassa e deficiente vida cultural. A afamada Rua do Ouvidor, espaço-símbolo e renomado de sociabilidades, é descrita como um palco para a encenação do ridículo, com bizarros atores.

No Rio de Janeiro transitam os brasileiros, porque ali está a *vitrine* do Brasil. São ignorantes, jogadores invertebrados, imorais, preguiçosos, promíscuos, corruptos, vaidosos, irresponsáveis, perdulários e, ademais, alimentam-se de modo deplorável. Suas mulheres são ainda mais ignorantes, além de indolentes, gulosas, desdentadas, malvestidas, incompetentes como donas de casa e como mães; como se não bastassem tantos graves defeitos, ainda tocam sofrivelmente piano.

Como todos os viajantes que descreveram o Rio, manifestam má impressão sobre o centro da cidade, com ruas estreitas e imundas, casas escuras, amontoadas, sem circulação de ar, ainda que reconhecessem a salubridade dos subúrbios que, de alguma forma, alinhavam-se às concepções higienistas e estéticas em vigor. Omitem que a cidade vinha recebendo alguns melhoramentos no sentido da pretendida modernização: implantava-se iluminação pública a gás, água encanada, bondes de tração animal; construía-se hotéis, jardins públicos, teatros; apareciam novos cafés e confeitarias.

Na Itália, como no Brasil, impunha-se a retórica da higiene, e o imaginário da cidade apresentava-se pré-construído, distante da realidade, impregnado pela ideologia do progresso. Na realidade, quando completou-se a Unificação, nenhuma cidade italiana poderia ser comparada às metrópoles europeias, como: Paris, Londres, Bruxelas ou Hamburgo, diz Caracciolo. (1956, p. 6). A cidade italiana, real ou imaginária, sob o ponto de vista do *progresso*, não era, portanto, muito diferente da cidade brasileira.

Apesar dessa mesma retórica de higiene estar presente no Brasil, pouca coisa parecia ter mudado na fisionomia do Rio, no final do século XIX. Os cocheiros continuavam caminhando descalços, ao lado

dos seus carros puxados por mulas; a Rua do Ouvidor continuava sendo o ponto mais animado da cidade, até mesmo freqüentada por estrangeiros, onde predominavam os personagens mestiços imitando grotescamente a *civilização moderna* européia.

O número crescente de visitantes italianos no Brasil correspondia a uma nova fase de expansão colonialista que Surdich refere. O autor lembra Paul Leroy Beaulieu como teórico desse colonialismo, tendo definido diferentes classes de população. Onde houvesse a *civilização ocidental* estariam populações consideradas de classe superior, em decorrência da raça e do clima, inclusive, com direito de intervenção nas regiões pouco habituadas à “civilização”. Beaulieu encontraria inúmeros seguidores na Itália. (SURDICH, 1980).

Sobre doutrinas como justificativa para o colonialismo ou sobre discursos raciais, como via transversa para conquistar territórios, Todorov (1991) pode muito acrescentar. Afirma que as idéias também funcionam como forças sociais e econômicas, tornando possíveis determinadas ações. Discorre sobre o etnocentrismo, lembrando que um dos seus ideólogos foi Joseph-Marie de Gérando, que publicou opúsculo em 1800, como membro da *Société des Observateurs de l'Homme*, criada para estimular a investigação de viajantes em países distantes. Por outro lado, o *universalismo* defendido por Fontenelle, Montesquieu e Rousseau, desde o século XVIII, gerou um perigoso cientificismo e, em conseqüência, a doutrina racista. (TODOROV, 1991, p.12-15; 18). Os expoentes do racismo foram Renan e Gobineau, sendo que este definiu uma hierarquização de raças, tendo por base os critérios da força física, da capacidade intelectual e da beleza, que seria absoluta e não relativa. Para Gobineau, a raça branca possuía, já na origem, o monopólio dessas três características. (TODOROV, 1991, p. 134, 138, 151-153).

Os autores estão impregnados do pensamento racista que permeava a sociedade italiana, como elemento que compõe um “espírito clássico”, na expressão de Todorov, capaz de encerrar conteúdo semelhante aquele definido por Foucault (1993, p. 244-255) no conceito de *dispositivo*, como um conjunto de estratégias das relações de força que sustentam diferentes tipos de saber e são por esses sustentadas. Era o tempo em que se desenvolviam as ciências antropológicas na Itália, sobretudo com Mantegazza e Giglioli Hullyer, sendo este último considerado o grande representante do positivismo e do darwinismo no país. (TENTORI, 1992). Era o tempo em que Nicéforo e Lombroso representavam esse cientificismo que hierarquizava as raças.

Naqueles últimos anos do século XIX, os jornalistas oriundos das camadas superiores da sociedade italiana partilham códigos de pensamento que apontam para o cientificismo, racismo e etnocentrismo, elementos essenciais no âmbito do mental coletivo dos homens do seu tempo. Os elementos ditos científicos encontram-se nas descrições de Lomonaco, Macola ou Moriconi, desaconselhando a emigração para o Brasil, apesar dos peculiares matizes.

Lomonaco garante acreditar que o meio brasileiro é pernicioso, capaz de corromper seus conterrâneos, como corrompe os brasileiros. Macola admite a emigração, mas desaconselha que seja para a América do Sul; critica o governo italiano pela incapacidade de tutelar o emigrante, desperdiçando a preciosa possibilidade de auferir lucros com as “colônias” no Exterior. Sua crítica é cáustica porque revela-se cáustico e até violento nas polémicas várias que alimentou. Também polêmico é Moriconi, cuja principal preocupação esteve nos negócios, que poderiam expandir o comércio italiano. Não acreditava que no Brasil tal expansão pudesse acontecer, diante da realidade humilde que encontrava, naqueles primeiros tempos em que seus conterrâneos chegavam em grandes contingentes.

Indivíduos que humilham e hostilizam os imigrantes, a quem negam razoáveis condições de trabalho no seu país onde o mal prospera. Seria essa a tradução das entrelinhas do texto dos autores que, em muitos assuntos, parecem repetir-se e que serão posteriormente repetidos. Sem dúvida, são ricas fontes históricas que, entretanto, precisam ser lidas de forma transversa.

Em descrições que ridicularizam o Brasil e os brasileiros, considerados representantes de uma raça inferior, narram um país de *males* e de *maus*, para onde os italianos não devem emigrar.

Notas

¹ Chi è? Dizionario degli italiani d'oggi. Roma: Formiggini, 1907.

² *Chi è? Dizionario degli italiani d'oggi*. Roma: Formiggini, 1907.

Referências

- CARACIOLLO, Alberto. *Roma capitale dal risorgimento alla crise dello stato liberale*. Roma: Rinascita, 1956.
- CATTARULLA, Camilla. Alla riscoperta del nuovo mondo: bibliografia dei viaggiatori italiani in America Latina (1870-1914). *Biblioteche Oggi*, n. 4-5, 1992.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2003.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHI È? DIZIONARIO DEGLI ITALIANI D'OGGI. Roma: Formiggini, 1907.
- DE AMICIS, Edmondo. *Sull'oceano*. Milano: Treves, 1889.
- _____. *Memorie*. Milano: Treves, 1900.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Imigração, urbanização e industrialização*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos/MEC, 1964.
- FOUCAULT, Michel. *Microfisica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- IOTTI, Luiza Horn. *O olhar do poder: Caxias do Sul*. Educus, 1996.
- LOMONACO, Alfonso Dott. *Al Brasile*. Milano: Società Editrice Libreria, 1889.
- MACOLA, Ferruccio. *L'Europa alla conquista dell'America Latina*. Venezia: Ferdinando Ongania Editore, 1894.
- MENEZES, Lená Medeiros de. Desordeiros e contestadores: italianos na cidade do Rio de Janeiro (1907-1930). In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. v. 3.
- MORICONI, Ubaldo. *Nel paese de "macacchi"*. Torino: Roux Frassati e Co. Editori, 1897.
- PETRONE, Maria Thereza. O imigrante italiano na fazenda de café em São Paulo. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.
- ROSSI, Ernesto. *Quarant'anni di vita artistica*. Firenze: Tipografia Editrice di L. Niccolai, 1889.
- SANTINI, Felici. *Intorno al mondo a bordo della Regia Corvetta "Garibaldi" (anni 1879-80-81-82)*. Memorie di viaggio. Roma: Voghera, 1886. v. 1.
- SERRA, Enrico. Tenente de Vascello. Viaggio di circumnavegazione della "Vettor Pisani" (Comandante Palumbo) Anni 1882-85. *Rivista Marittima*, Roma: Tipografia Forzani, 1886.
- SURDICH, Francesco. *Esplorazione geografiche e sviluppo del colonialismo nell'età della rivoluzione industriale: fasi e caratteristiche dell'espansione coloniale*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1980.
- TENTORI, Tulio. Prefazione. In: LATTANZI, Vito (A cura di). *America Latina: temi e problemi di Antropologia*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato/Libreria dello Stato, 1992.
- TODOROV, Tzvetan. *Noi e gli altri: la riflessione francese sulla diversità umana*. Torino: Einaudi, 1991.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel/Istituto Italiano di Cultura di San Paolo/Istituto Ítalo-Brasileiro, 1988.